

Organizadores

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Luiz Antonio Araújo Gonçalves

Glauciana Alves Teles

A CIDADE MÉDIA DE SOBRAL/CE

Entrelaçando olhares, experiências e saberes



Editora
**SER
TÃO
CULT**

Edições UVA

Attila Rodrigues
09/2015

O livro *A cidade média de Sobral-CE: entrelaçando olhares, experiências e saberes vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - PROPGEO/UVA*, está estruturado em 15 capítulos, os quais versam sobre pesquisas e produtos desenvolvidos por seu corpo docente e discente. Iniciativa importante que contribui para o fortalecimento e sustentabilidade da interiorização da pós-graduação no semiárido cearense.

Os textos, conforme anunciado nas notas introdutórias e confirmado na leitura dos capítulos, apresentam potencial contributivo para desvendar os meandros e tessituras políticas, econômicas, sociais e ambientais, expressas nas relações sociais que produziram e produzem o espaço urbano da cidade de Sobral. Ademais, é possível perceber a necessária indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão nas produções apresentadas. Outrossim, o rigor metodológico se faz presença no desenvolvimento do texto sem perda da fluidez da escrita.

Trata-se de um livro de leitura indicada para diferentes interessados, não se limitando a estudiosos do município de Sobral.

Parecer do Conselho Editorial - Edições UVA



A CIDADE MÉDIA DE SOBRAL/CE

Entrelaçando olhares, experiências e saberes

Organizadores

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Luiz Antonio Araújo Gonçalves

Glauciana Alves Teles

A CIDADE MÉDIA DE SOBRAL/CE

Entrelaçando olhares, experiências e saberes

Sobral - CE
2025

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Edições UVA



A CIDADE MÉDIA DE SOBRAL/CE: Entrelaçando olhares, experiências e saberes

© 2025 copyright by Virginia Célia Cavalcante de Holanda, Luiz Antonio Araújo Gonçalves, Glauciana Alves Teles (Orgs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora
SERTÃO CULT

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaoocult.com.br
sertaoocult@gmail.com
www.editorasertaoocult.com.br

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial
Antonio Adílio Costa da Silva
Carlos Alberto de Vasconcelos
José Luis Gonçalves Moreira da Zêzere
Luís Filipe Gonçalves Mendes
Marcelo de Oliveira Moura
Maria Rita Vidal
Otávio José Lemos Costa
Paulo Rogério de Freitas Silva
Ricardo Alexandre Cipriano Coscurião
Sandra Liliana Mansilla

Revisão
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Este livro foi revisado e aprovado pelos autores de cada capítulo. As informações são de responsabilidade dos autores.

Diagramação
João Batista Rodrigues Neto

Arte da capa
Arthur Rodrigues Feijão

Catálogo
Leolph Lima da Silva - CRB3/967



Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral-CE
CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613

Filiada à



Reitora

Isabelle Mont' Alverne Napoleão Albuquerque

Vice-Reitor

Francisco Carvalho de Arruda Coelho

Diretora das Edições UVA
Maria Socorro de Araújo Dias

Conselho Editorial
Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)
Isabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque
Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo
Ana Iris Tomás Vasconcelos
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Clarissa Sousa de Carvalho
Claudia Goulart de Abreu
Eliany Nazaré Oliveira
Elisa Lacerda-Vandenborn
Eneas Rei Leite
Francisco Helder Almeida Rodrigues
Israel Rocha Brandão
Maria Adelane Monteiro da Silva
Maria Amélia Carneiro Bezerra
Maria José Araújo Souza
Maria Somália Sales Viana
Maristela Inês Osawa Vasconcelos
Miguel Basto Pereira
Raquel Oliveira dos Santos Fontinele
Sara Sofia Fernandes de Lima
Simone Ferreira Diniz
Susana Pedras
Renata Albuquerque Lima
Tito Barros Leal de Ponte Medeiros
Virginia Célia Cavalcante de Holanda



Apoio



C487 A cidade média de Sobral/Ce: entrelaçando olhares, experiências e saberes. /
Organizado por Virginia Célia Cavalcante de Holanda, Luiz Antonio Araújo
Gonçalves, Glauciana Alves Teles. - Sobral CE: Sertão Cult; Edições UVA, 2025.

372p.

ISBN: 978-65-5421-217-5 - E-book em pdf (Sertão Cult)
ISBN: 978-65-5421-216-8 - papel (Sertão Cult)
ISBN: 978-65-87115-77-1 - papel (UVA)
ISBN: 978-65-87115-76-4 - E-book em pdf (UVA)
Doi: 10.35260/54212175-2025

1. Geografia urbana – Sobral (CE). 2. Cidades médias – Aspectos sociais.
3. Planejamento urbano. 4. Estudos regionais – Sobral (CE). I. Holanda,
Virginia Célia Cavalcante de. II. Gonçalves, Luiz Antonio Araújo. III. Teles,
Glauciana Alves. IV. Título.I.Título

CDD 307.76 -Comunidades urbanas
CDD 911.8116 – Geografia do Ceará

SUMÁRIO

Prefácio 9

Sobral - olhares, experiências e saberes 19

Capítulo 1 Doi: 10.35260/54212175p.21-48.2025

Hierarquia urbana e regiões de influência das cidades: uma análise dos marcos teóricos e metodológicos com enfoque em Sobral-CE21

Samuel Antônio Miranda de Sousa

Capítulo 2 Doi: 10.35260/54212175p.49-72.2025

Ações institucionais e reestruturação da cidade média de Sobral-CE ... 49

Virginia Célia Cavalcante de Holanda

Luiz Antonio Araújo Gonçalves

Capítulo 3 Doi: 10.35260/54212175p.73-88.2025

O papel das transformações urbanas na prevenção à violência em territórios vulneráveis: a experiência de Sobral-CE 73

Marília Gouveia Ferreira Lima

Andréia Coelho Cela

Yvo Gabriel Sousa Galvão

Capítulo 4 Doi: 10.35260/54212175p.89-112.2025

A contribuição acadêmica para a construção coletiva da cidade – uma experiência no interior do Ceará - Brasil 89

Gabrielle Astier de Villatte Wheatley Okretic

Adilson João Tomé Manuel

Eloise de Brito Mudo

Capítulo 5 Doi: 10.35260/54212175p.113-128.2025

Mobilidade no espaço intraurbano: a perspectiva do ciclista na cidade de Sobral-CE 113

Luciana de Andrade Catunda

Gabrielle Astier de Villatte Wheatley Okretic

Capítulo 6 Doi: 10.35260/54212175p.129-156.2025

O microcrédito institucional em Sobral-CE e a captura dos trabalhadores autônomos pelas finanças..... 129

Sara Heline Rodrigues de Brito Silva

Luiz Antonio Araújo Gonçalves

Nilson Almino de Freitas

Capítulo 7 Doi: 10.35260/54212175p.157-178.2025

Um olhar geográfico dos processos do planejamento urbano de Sobral-CE..... 157

Wellington Galvão Alves

Maria do Carmo Alves

Capítulo 8 Doi: 10.35260/54212175p.179-202.2025

Erguem-se os muros, abrem-se os negócios: loteamentos fechados na produção do espaço urbano em Sobral-CE 179

Jailson Lopes Albuquerque

Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Capítulo 9 Doi: 10.35260/54212175p.203-224.2025

Jardins biofiltrantes do riacho pajeú, Sobral-CE: análise da eficiência operacional e a manutenção sustentável..... 203

Úrsula Priscyla Santana Nóbrega

Kemmison Luiz Paula de Sousa

Fernanda Elias Fernandes

Cícera Sarah Moura Farias

Capítulo 10 Doi: 10.35260/54212175p.225-246.2025

Conforto térmico e corredores verdes na cidade de Sobral-CE: uma análise termohigrométrica do período seco a partir do uso de transectos móveis 225

Jander Barbosa Monteiro

Isabela Gomes Parente

Maria Antônia Xavier Soares

Capítulo 11 Doi: 10.35260/54212175p.247-264.2025	
Imigrantes venezuelanos em Sobral-CE	247
<i>Luz Maritza Mantilla Chanagá</i>	
<i>Aldiva Sales Diniz</i>	
<i>Virgínia Célia Cavalcante de Holanda</i>	
Capítulo 12 Doi: 10.35260/54212175p.265-288.2025	
Manifestação do campo na cidade: um olhar a partir da feira livre nos arredores do mercado público de Sobral-CE	265
<i>Thaysslorranny Batista Reinaldo</i>	
<i>Virgínia Célia Cavalcante de Holanda</i>	
Capítulo 13 Doi: 10.35260/54212175p.289-314.2025	
Implicações da mobilidade geográfica da força de trabalho a partir da empresa calçadista grendene na cidade média de Sobral-CE ..	289
<i>Maria da Penha dos Santos Costa</i>	
<i>Glauciana Alves Teles</i>	
Capítulo 14 Doi: 10.35260/54212175p.315-336.2025	
O acesso e o consumo cultural discente na Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral-CE, Brasil	315
<i>Luiz Antonio Araújo Gonçalves</i>	
Capítulo 15 Doi: 10.35260/54212175p.337-362.2025	
Os circuitos da economia urbana: algumas mudanças no pequeno comércio de produtos alimentícios em Sobral-CE	337
<i>Joffre Fontenelle Filho</i>	
Sobre os organizadores	363
Sobre os autores	365

PREFÁCIO

No contexto do desenvolvimento capitalista, a expansão da racionalidade e a lógica da reprodução do capital estão em movimento constante, do qual as cidades, enquanto espaços importantes para esse movimento, participam paulatinamente, merecendo destaque as metrópoles, grandes cidades e as cidades médias. Essa participação promove mudanças socio-territoriais de grande expressividade, motivo pelo qual se faz necessário, que novas interpretações sejam efetuadas, objetivando o discernimento dos processos desencadeados, os quais conduzem não somente a novas formas urbanas, mas, principalmente, a novos conteúdos.

Aguçados por essa realidade, docentes e egressos do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - PROP GEO/UVA e os demais docentes, pesquisadores no urbano na leitura da Cidade de Sobral-CE, orientada pelo entrelaçamento de olhares, experiências e saberes, cujos resultados estão delineados nos textos constituintes da coletânea que ora é disponibilizada a todos os interessados em desvendar os meandros e tessituras políticas, econômicas, sociais e ambientais, expressas nas relações sociais, que produziram e produzem o espaço urbano da cidade de Sobral.

Justifica-se, portanto, o convite que fazemos ao leitor, de mergulhar no conteúdo dos textos apresentados ao longo da coletânea. Isso porque o leitor terá a oportunidade de ampliar os seus conhecimentos acerca da cidade média e particularmente da cidade de Sobral-CE.

Entretanto, a ênfase dada à cidade de Sobral não imprime na coletânea a marca do conhecimento exclusivo como uma obra específica para os estudiosos da cidade de Sobral. Muito pelo contrário, os textos recorrem, sistematicamente, a teorias importantes, indispensáveis à

compreensão da cidade, do urbano, da sustentabilidade ambiental, não se limitando, portanto, ao estudo do empírico. Sendo assim, convido a todos a fazerem uma imersão nos diversos assuntos tratados, resumidamente apresentados na sequência, e assim melhor compreender as dinâmicas socioespaciais que se traduzem no entrelaçamento dos olhares, das experiências e dos saberes, a partir de Sobral.

Iniciamos o percurso apresentando o texto produzido por Samuel de Sousa, que se dedicou à discussão sobre a **“Hierarquia urbana e Regiões de influência das cidades: uma análise dos marcos teóricos e metodológicos com enfoque em Sobral-CE”**. Para tal, a proposta do autor é analisar os estudos de hierarquia urbana realizados no âmbito do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, e as bases teóricas que respaldam os referidos estudos, com vistas ao entendimento da intervenção do Estado, por meio das políticas públicas, colocando em evidência a centralidade urbana da cidade de Sobral. A análise processual foi o caminho percorrido, por meio do qual o autor busca compreender as transformações urbanas que ratificaram a centralidade urbanorregional de Sobral no decorrer de sua história.

Corroborando o propósito de Samuel, a professora Virgínia Holanda e o professor Luiz Antonio Gonçalves, no artigo **“As ações institucionais e reestruturação da cidade média de Sobral-CE”**, oferecem ao leitor uma proposta de reflexão do processo de reestruturação da cidade média de Sobral, embasado por ações provedoras de infraestrutura urbana de circulação, de moradia e de novos equipamentos sociais na área de educação e saúde, as quais nortearam o período de gestão municipal capitaneado pelo grupo político liderado por Cid Ferreira Gomes, que assumiu a gestão municipal em 1997. Enaltecendo o discurso da boa governança, as políticas públicas implementadas pelas gestões desse grupo político que se sucederam até 2024, obtiveram segundo os autores, êxitos consideráveis dentre os quais se destacam os bons resultados alcançados na educação, segundo avaliações realizadas pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB.

Para além das políticas públicas, os autores também fazem referência aos investimentos atraídos para a cidade, os quais, adicionados às políti-

cas públicas, colocam Sobral entre as principais cidades médias do sertão Nordeste. A síntese desse somatório de ações públicas e privadas é uma dinâmica socioespacial expressa por um crescimento econômico e um desenvolvimento urbano, que se renova constantemente, orientados para a melhoria da qualidade de vida e promoção da cidadania.

Sequenciando os estudos sobre a dinâmica de Sobral-CE, o texto assinado por Marília Lima, Andréa Cela e Yvo Galvão traz para a discussão **“O papel das transformações urbanas na prevenção á violência em territórios vulneráveis: a experiência de Sobral-CE”**. Os autores consideram a escassez de políticas públicas como um vetor que contribui para o aumento das desigualdades socioespaciais, sendo estas entendidas como resultado do processo de globalização inerente ao avanço do capitalismo que se apropria do território, enquanto recurso, com possibilidades de ampliar a sua reprodução. Essa realidade favorece a fragmentação socioterritorial e, por conseguinte, a violência. A partir de dados específicos, os autores delimitam áreas municipais, contempladas com intervenções com vistas à prevenção da violência.

Gabrielle Okretic, Adilson Manuel e Eloise Mudo trazem para a discussão o texto **“A contribuição acadêmica para a construção coletiva da cidade – uma experiência no interior do Ceará - Brasil”**. Essa contribuição, segundo os autores, reflete o engajamento da academia, na perspectiva da produção do saber, de sua circulação e de sua disseminação. Consideram a cidade como palco de disputa pelo espaço urbano. Sendo assim, a participação do saber acadêmico, em conjunto com a participação da sociedade, coloca-se como uma estratégia importante na construção de uma cidade democrática e cidadã.

Outro destaque do texto é a contribuição específica do grupo de Estudo UrbColab, que nos mais diferentes espaços de discussão sobre a cidade procura contribuir, a partir de uma visão crítica, com os estudos sobre as formas de apropriação do território, por meio de ideias e ações que transmitam aos habitantes da cidade melhorias no ambiente urbano. O sentido de pertencimento e da identidade com o lugar, por meio da apropriação do espaço, é analisada no contexto das disputas de terras

inerentes à lógica da disputa de poder. A discussão proposta se apoia no urbanismo colaborativo, enaltecido com a participação do grupo nas discussões da revisão do Plano Diretor da Cidade.

O debate e reflexões sobre a cidade de Sobral, contemplando a mobilidade urbana, é tratado no artigo **A mobilidade no espaço intraurbano: a perspectiva do ciclista na cidade de Sobral-CE**, de autoria de Luciana Catunda e Gabrielle Okretic, que anunciam de forma explícita os avanços ocorridos na cidade de Sobral em prol de melhores condições de mobilidade. No caso específico do uso da bicicleta, não apenas a mobilidade está em destaque, mas também as condições de reprodução social, em bases sustentáveis, bem como para a produção de situações de sociabilidade.

Todavia, na contemporaneidade marcada pela presença do capital nas mais diversas dimensões da vida, a financeirização se coloca como imperativo à reprodução da sociedade em sua totalidade. É sob essa lógica dominadora que o artigo **“O microcrédito institucional em Sobral-CE e a captura dos trabalhadores autônomos pelas finanças”**, de Sara Silva, em coautoria com Luiz Antonio Gonçalves e Nilson de Freitas, coloca em discussão o processo de financeirização no contexto de Sobral, enquanto uma expressão da mundialização do capital. Assim, o texto traz esclarecimento sobre a importante condição da cidade de Sobral-CE, seja de centralidade no contexto urbanorregional, seja como espaço de reprodução do capital financeiro. Para tal, a discussão sobre o microcrédito estabelece uma relação com os espaços periféricos, nos quais se realiza a captura dos territórios ocupados por populações de baixa renda. Para a materialização do crediamigo, diversos condicionantes são instituídos, os quais muito bem analisados no texto. Entretanto, tais condicionantes em nenhum momento se colocam como entraves à participação da população pobre do sistema financeiro. Contrariamente, as estratégias utilizadas reafirmam as condições de subordinação das populações pobres ao capital financeiro. Em síntese, trata-se de um texto antenado com a realidade vivenciada nas economias capitalistas emergentes, o que denota a sua importância para

a compreensão das cidades em suas dinâmicas espaciais, especificamente as cidades médias dos espaços periféricos.

Considerando os problemas socioespaciais evidenciados nas cidades, em decorrência de diversos fatores, dentre os quais as formas indevidas do uso do território, Wellington Galvão e Maria do Carmo Alves chamam a atenção para a importância do planejamento urbano e dos planos urbanos, enquanto instrumento da política urbana. Na discussão proposta no artigo “**Um olhar geográfico dos processos do planejamento Urbano de Sobral-CE**, os autores também procuram enaltecer o papel da ciência geográfica para as discussões e ações que envolvem o planejamento e a política urbana, ressaltando as demandas que as cidades apresentam face ao processo de urbanização que, ao assumir graus de complexidade cada vez mais elevados, passam a exigir dos gestores e da sociedade reflexões mais aprofundadas e especializadas, reflexões dos aspectos estruturais que envolvem a cidade – político, social, cultural e econômico. Para atingir o objetivo proposto, os autores, sem desconsiderar a diferença de escalas, traçam um paralelo entre o planejamento municipal e as tendências do planejamento nacional, a partir do qual os autores dão relevo à importância da Geografia no processo de planejamento urbano, uma vez que propicia a apreensão do território, indispensável à implementação do planejamento que tenha em sua essência o direito à cidade.

Assim como nas grandes cidades, a produção da moradia ganha novos conteúdos nas cidades médias, visto ser por meio da produção imobiliária que a cidade se reproduz e, por conseguinte, reproduz o capital. Os condomínios fechados se colocam como uma morfologia urbana que se faz presente nas grandes, médias e até em algumas pequenas cidades. Em Sobral, essa tipologia residencial se faz presente, sendo então analisada no texto **Erguem-se os muros, abrem-se os negócios: loteamentos fechados na produção do espaço urbano em Sobral-CE**, de autoria de Jailson Albuquerque e Francisco Clébio Lopes. A análise feita pelos autores considera a produção da moradia sob a ótica do condomínio fechado, como uma nova forma assumida pelo capital no

exercício de sua reprodução, que, ao se reproduzir, promove também a produção/reprodução das desigualdades socioespaciais, visivelmente constatada nas paisagens, que dialeticamente se apresentam como espaços de moradia de populações com maior poder aquisitivo no meio do visível, isto é, da paisagem, através da qual as contradições da sociedade capitalista são expostas. Nessa exposição, pode ser constatada a dialética da produção do espaço, moradias pobres e precárias que se contrapõem às moradias de alto padrão de construção. Com intuito de desvelar os meandros de construção dessa realidade, os autores apresentam uma periodização do processo, no qual destacam o período, quando foi criado o Estatuto da Cidade, que, dentre as principais orientações, está o cumprimento da função social da terra, sendo este o foco principal a ser seguido pela política urbana, por meio do seu instrumento central que é o plano diretor participativo.

A dimensão ambiental também está contemplada nesta coletânea. É relevante a contribuição dada por Úrsula Nóbrega, Kemmison Sousa, Fernanda Fernandes e Cícera Farias, com o texto **“Jardins biofiltrantes do riacho Pajeú, Sobral-CE: análise da eficiência operacional e a manutenção sustentável”**, no qual é analisada a eficiência das Soluções Baseadas na Natureza (SBNs), que buscam nos próprios ecossistemas soluções para os problemas socioespaciais que emergem em decorrência do processo de reprodução da sociedade. É nesse sentido que está no escopo da análise do projeto Jardins Biofiltrantes do Riacho do Pajeú, efetuado pela Prefeitura Municipal de Sobral-CE. Os autores apresentam o funcionamento do projeto, fazendo uso de ilustrações esclarecedoras sobre o funcionamento do sistema em sua totalidade. Ainda que o projeto seja apontado como uma tecnologia importante para o enfrentamento de problemas ambientais no âmbito da cidade de Sobral-CE, nas considerações finais os autores chamam a atenção para a necessidade de requalificação dos sistemas convencionais para que as SBNs possam apresentar os resultados esperados.

Dando seqüência às discussões de caráter ambiental, o texto intitulado **“Conforto térmico e corredores verdes na cidade de Sobral-CE:**

uma análise termohigrométrica do período seco a partir do uso de transectos móveis”, assinado pelos autores Jander Monteiro, Isabela Parente e Maria Antônia Soares, contempla a discussão da sustentabilidade no contexto urbano, ressaltando estratégias importantes a serem efetuadas. Nesse sentido, os autores discutem a relação entre conforto térmico e corredores verdes, tomando Sobral como referência, a partir da caracterização termohigrométrica. Diante dos resultados obtidos, os autores fazem inferências importantes, as quais apontam não apenas à importância dos corredores para o conforto ambiental urbano, mas também para a criação de espaços de práticas sociais importantes na produção de uma cidade saudável.

O texto **“Imigrantes venezuelanos em Sobral-CE”**, além de atual, responde à demanda clássica dos estudos de migração, que sempre se fizeram presente na produção da Geografia. O fenômeno da migração não apenas nos permite analisar o ir e vir das pessoas, mas também nos ajuda a compreender as dinâmicas espaciais que se colocam como necessária à análise desses movimentos que impactam os espaços que acolhem da mesma forma que impactam a vida daqueles que são acolhidos. É essa a perspectiva analítica apresentada pelas autoras Luz Chanagá, Aldiva Diniz e Virgínia Holanda no texto em apreço, uma vez que contempla não apenas os deslocamentos, mas principalmente as transformações espaciais decorrentes desse processo. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa, associada a questões teóricas e conceituais trabalhadas, destacou os conceitos de território em rede e de territorialidade que iluminaram a compreensão e a análise da realidade dos imigrantes em Sobral graças à pesquisa qualitativa efetuada junto aos migrantes, bem como propiciaram uma análise centrada na dinâmica do espaço acolhedor dos migrantes.

No artigo **Manifestação do campo na cidade: um olhar a partir da feira livre nos arredores do mercado público de Sobral-CE**, as autoras Thaysslorranny Reinaldo e Virgínia Holanda tomam como referência a feira livre que ocorre nos arredores do mercado público de Sobral-CE. Embora vista como um espaço comercial tradicional, a feira estabelece

um diálogo com as práticas comerciais que se modernizam ao mesmo tempo em que potencializa a relação cidade-campo, que acontece no contexto atual da reprodução do capital. A análise feita envolvendo a relação cidade-campo explicita as várias dimensões dessa relação, que embora aparentemente contraditórias, se complementam.

Implicações da mobilidade geográfica da força de trabalho a partir da empresa calçadista Grendene na cidade média de Sobral-CE trata-se de um artigo no qual as autoras, Maria Penha Costa e Glauciana Teles, discutem a indústria calçadista como um fator importante para as transformações territoriais que ocorreram no Brasil a partir de 1990, quando essa indústria passou a atuar no Nordeste brasileiro, e de modo especial no estado do Ceará. Analisam a indústria calçadista no Brasil, colocando em destaque as diferenças do processo no que diz respeito às formas de produção que ocorrem nas áreas tradicionais de produção de calçado – São Paulo e Rio Grande do Sul – e as áreas de produção moderna, no caso o Nordeste brasileiro, configurando dois padrões de organização da produção de calçados no Brasil.

Com relação ao estado do Ceará, as autoras destacam o papel dessa indústria nas transformações que se desencadearam no território cearense e sua importância para a economia, não apenas dos municípios em que se encontra instalada, mas para o contexto regional, como acontece com o município de Sobral, bem como na produção dos espaços urbanos e na geração do emprego formal, tornando-se assim importante vetor de crescimento urbano.

O artigo assinado pelo professor Luiz Antonio Gonçalves, intitulado **“O acesso e consumo cultural discente na Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral-CE, Brasil”**, traz uma leitura sobre a dimensão da cultura, apoiada em dados empíricos, analisados segundo a perspectiva do seu papel na democratização e promoção da cidadania. Nesse sentido, articulando dados empíricos e leituras teóricas, ao final do texto o autor encaminha críticas às ações culturais desenvolvida pela UVA e aponta caminhos com vistas à promoção de uma política de cultura que promova

a participação universal de seus discentes, independentes das condições sociais e econômicas de cada um e, portanto, democrática e cidadã.

Joffre Fontenelle Filho presta a sua contribuição com a análise da organização do espaço urbano na perspectiva de compreender a sociedade que produz esse espaço, a partir das relações entre os agentes econômicos de diferentes graus de organização, capital e tecnologia. Para tanto, após recuperar dados importantes da história de Sobral, o autor, ao discutir **“Os circuitos da economia urbana: algumas mudanças no pequeno comércio de produtos alimentícios em Sobral-CE”**, coloca em destaque as mudanças ocorridas no comércio de alimentos em pequenos estabelecimentos comerciais, destacando as interações entre os pequenos comerciantes e as grandes redes de supermercados, expressas pela complementaridade de um lado e, do outro, pela subordinação do circuito inferior ao circuito superior, essenciais ao processo de mudanças do segmento varejista de alimentos em ampla expansão no território sobralense.

Embora seja uma cidade sertaneja, que se desenvolveu sob os ditames de economias tradicionais, como a pecuária extensiva e o algodão, Sobral-CE sempre se apresentou como uma cidade do futuro. E esse futuro, que hoje se faz presente, nos mostra uma Sobral e seus avanços, expressos por movimentos importantes que se colocam no cotidiano, orientados pela busca de melhor qualidade de vida, para a sua população.

Este foi o entendimento construído a partir dos diversos temas tratados nos textos constituintes desta coletânea, que, apesar do contexto espacial de referência ser a cidade de Sobral-CE, sua leitura vai conduzir o leitor, sem sombra de dúvidas, para outras paragens, onde a condição de cidade média se faça presente.

Em cada texto, a análise efetuada nos aponta caminhos teóricos e metodológicos, que os estudos da cidade média requisitam e que são indispensáveis à compreensão dos papéis por elas desempenhados na intermediação entre as grandes cidades e as pequenas.

Portanto, convido a todos a fazer uma imersão nos diversos assuntos tratados e assim melhor compreender o entrelaçamento dos olhares, saberes e experiências, que tem como ponto de partida, e não de chegada, a cidade de Sobral no estado do Ceará. A caminhada em busca do conhecimento é longa e diversa. Então, caminhemos...

Agradeço aos organizadores pela oportunidade que me foi dada de iniciar esse caminhar. Meu muito obrigada, com carinho e com afeto.

Sobral-Ceará, quadra invernososa de 2024

Rita de Cássia da Conceição Gomes

SOBRAL - OLHARES, EXPERIÊNCIAS E SABERES

A coletânea intitulada *Sobral-CE: entrelaçando olhares, experiências e saberes* surgiu da elaboração do Seminário Internacional Cidades Médias e Planejamento Urbano, realizado em Sobral-CE-Brasil, no período de 27 a 30 de maio de 2024. Nos momentos de reunião, ao pensar os nomes dos conferencistas e palestrantes, o formato do evento, os percursos e os lugares para que os convidados tivessem a experiência de viver a cidade, fomos percebendo o quanto Sobral se tornava esse elo que reunia as distintas visões, saberes e experiências de pesquisadores e residentes dessa urbe cearense.

Alegra-nos, sobretudo, ter a certeza de que essa mobilização também nos conduziu a conhecer e a ouvir mais uns aos outros, a percorrer a cidade, os espaços institucionais da Prefeitura local, adentrar ali as Instituições de Ensino Superior, com destaque para a Universidade Estadual Vale do Acaraú, Centro Universitário Inta e Faculdade Luciano Feijão. A realização de reuniões descentralizadas agregou, paulatinamente, outros colaboradores e incentivou nossos estudantes que saíssem de suas instituições e se entranhassem na riqueza do diálogo interdisciplinar com outros cursos e unidades de demanda acadêmica.

Desse modo, como resultado do que foi debatido e deliberado, guardar como ideias para servir de subsídios a mais textos universitários, no âmbito local, nacional e até do Exterior, juntaram-se nesta coletânea produções escritas de geógrafas, geógrafos, arquitetas e arquitetos urbanistas, em colaboração com orientandos e, muitas vezes, em parceria com colegas esquadrihadores de feitos da Ciência. Estes escritos procedem de demandas científicas, reflexões e relatos acurados de pro-

fissionais participantes da Gestão Pública Municipal e elaboradores de políticas públicas, implementadas em Sobral nas duas últimas décadas.

Reconhecemos o comprometimento dos investigadores que, lançando mão de variadas metodologias, revelaram a Cidade sob exame em distintas perspectivas. Manifestamos gratidão, pela desdobrada atenção, aos convidados que estiveram conosco durante todo esse evento, particularizando os parceiros da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe).

Nossa expectativa, pois, é de que leiam esta obra, debatam e contribuam ao enriquecimento da matéria que conduz Sobral, crescentemente, como cidade média de expressão regional e nacional.

Boa leitura!

Os organizadores

CAPÍTULO 6

O MICROCRÉDITO INSTITUCIONAL EM SOBRAL-CE E A CAPTURA DOS TRABALHADORES AUTÔNOMOS PELAS FINANÇAS

Doi: 10.35260/54212175p.129-156.2025

Sara Heline Rodrigues de Brito Silva

Luiz Antonio Araújo Gonçalves

Nilson Almino de Freitas

Introdução

O estudo ora sustentado analisa o movimento do microcrédito institucional na cidade média de Sobral-CE, considerando os arranjos das finanças na escala local e como repercutiu a financeirização em bairros habitados por pessoas empobrecidas. O artigo aborda as distintas escalas de atuação das finanças nas áreas periféricas da cidade. A abordagem não está fora da reflexão acerca da finança mundializada e dos arranjos socioeconômicos locais que ocorreram pela captura dos sujeitos por instituições financeiras na periferia de uma cidade média do Nordeste brasileiro.

A relevância da análise deu-se pela compreensão do alcance das finanças nos variados contextos regionais e, de modo específico, da realidade local da população de bairros periféricos, antes excluída dos serviços bancários por determinações econômicas do passado e que, no período atual, são concretizadas por mecanismos financeiros que promovem o acesso ao microcrédito por meio da ideologia da capacidade empreendedora individual.

Com esse intento, realizou-se um recorte qualitativo, abordando a dimensão escalar do bairro. Souza (2013), ao tratar da pesquisa socioespacial, em específico, do nível escalar do bairro, contesta a visão do bairro como unidade homogênea que nega a espacialidade dos conflitos, da luta de classe, do protesto e das reivindicações. Para o autor, “[...] é justamente a partir desse nível escalar que certos processos e fenômenos sociais [...] cujos conflitos são conflitos propriamente sociais, e não apenas entre indivíduos, ainda que estes estejam sempre contextualizados na sociedade total – podem ser adequadamente captados” (*Ibidem*, p. 156).

Dessa maneira, a intenção é compreender o fenômeno de oferta generalizada do microcrédito e sua espacialidade, com suporte em situações de alcance dos sujeitos público-alvo pelos agentes promotores do microcrédito institucional nos bairros periféricos de Sobral. Para isso, lançou-se mão do recurso metodológico das entrevistas com os agentes e contratantes de microcrédito. O uso do diário de campo nas visitas aos bairros da periferia de Sobral também foi um recurso rico e imprescindível para captar como as finanças perpassam a vida das pessoas. Desse modo, identificaram-se e compararam-se os propósitos dos sujeitos contratantes de microcrédito concretizados pelos bancos, associados aos planos do poder público em combater os problemas sociais, por meio do fomento às atividades geradoras de renda, e em que medida as atividades promoveram transformações na dinâmica socioeconômica desses bairros.

Com procedência na escolha da entrevista e do diário de campo como registro operacional da metodologia escolhida para este capítulo, foi pensado, inclusive, em ampliar o conceito de bairro já mencionado aqui. O propósito do escrito é acompanhar o espaço geográfico escolhido, situado em um movimento geral de financeirização da economia que está acompanhada de um culto ao empreendedorismo como saída para a “pobreza”, assim como entender que o bairro também é agência de construção de sentido por parte do morador individual. Logo, é conflito social, como já expresso, mas também é “invenção”, no sentido criativo do termo, cotidiana por parte do habitante que pratica culturalmente o espaço. O usuário do bairro tenta criar mecanismos de controle

para se apropriar das dinâmicas sociais com parcial controle. Há uma subjetivação da experiência individual que encontra limites no que é aceito e oferecido pelo modelo de relações mais gerais criado pelas relações econômicas e políticas vigentes. As suas narrativas, portanto, são estabelecidas em um contexto de negociação entre múltiplos agentes, dentre os quais o pesquisador.

Ressalta-se, neste passo, a dimensão pragmática da narrativa do entrevistado. A produção desta tem como objetivo operar um resultado no interlocutor, pois, como alerta Freitas (2012), são também imagens contextuais criadas de modo pragmático ou ação narrativa que visa causar um efeito na pessoa sob interlocução, considerando os afetos envolvidos. Não é puramente uma “imagem mental da realidade”, não representa uma identidade coletiva substantiva, nem mesmo uma crença absoluta, apesar de se esforçar para isso, já que o narrador precisa mostrar força no seu argumento, o organizando como se representasse um coletivo e uma crença pessoal. De fato, a “imagem mental da realidade” é passível de ser um ponto de vista sobre a narrativa, mas não se deve esquecer de que existe uma subjetivação da experiência no presente que se narra e uma seletividade da lembrança, adaptada ao contexto e à interlocução para atender suas necessidades, desejos e emoções em determinada situação.

Coube aos pesquisadores o acompanhamento deste duplo movimento: as dinâmicas socioeconômicas mais amplas e as implicações pessoais dessas dinâmicas nas artes de fazer e no artefato de dizer dos interlocutores (Certeau, 1994), entendendo suas falas como ações intercessoras de construção de sentido, ou subjetivação, que visam a afetar as dinâmicas cotidianas da experiência espacial e os interlocutores. O texto produzido pelos pesquisadores, portanto, resulta da afecção produzida no contexto da relação entre subjetivações diferentes, como exprimiu Viveiros de Castro (2002) – não no sentido de o texto ser fiel e completo na descrição do acontecimento, estabelecendo uma identificação exata com o entrevistado e o interlocutor. É uma constituição relacional que produz transformações. O pesquisador é afetado pelo sentido produzi-

do pelo interlocutor, mas produz o seu sentido desse sentido, interpretando-o e textualizando.

No caso deste capítulo, o texto acontece em dois momentos: no diário de campo e no artigo. No diário de campo, o pesquisador é capaz de todos os dias sistematizar sua experiência na pesquisa da maneira que achar conveniente. Neste lance, o texto tem a dimensão da pessoalização muito intensiva, mostrando sentimentos, emoções, humores de modo livre, já que é um instrumento que não visa à publicação. Ademais disso, tem registros de acontecimentos, do ponto de vista do pesquisador, que são suscetíveis de ser acompanhados das primeiras reflexões teóricas e metodológicas. Também é passível de estar relacionado a imagens, sejam desenhos, fotos ou vídeos, dependendo de ser um diário digital ou no caderno de notas. Foi também um instrumento importante para anotar aquilo não registrado na entrevista de maneira gravada. Algumas entrevistas, inclusive, os entrevistados não permitiram gravar, sendo acionado o diário de campo.

As entrevistas foram gravadas com o aparelho celular, particularmente as realizadas com os agentes do microcrédito, mas aquelas procedidas com os contratantes não foram. Em todos os casos, foi solicitada assinatura de carta de cessão de direitos direcionada para os pesquisadores. Durante a feitura deste texto, foram citados os nomes dos agentes nas reproduções dos trechos de suas entrevistas, mas no caso dos contratantes, entendeu-se ser importante preservar suas identidades, pois algumas falas são suscetíveis de comprometer a segurança deles. Para estes, recorreremos a iniciais.

Com as fontes produzidas por meio de entrevistas e os registros do diário de campo, os pesquisadores organizaram as ideias nessas notações, mostrando a atuação dos agentes institucionais e os tomadores do microcrédito no âmbito dos bairros periféricos da cidade média de Sobral, de acordo com as temporalidades e as espacialidades registradas na interlocução. Para isso, procedeu-se, também, ao levantamento de dados quantitativos daqueles que utilizaram esse mecanismo de microcrédito em instituições bancárias (Banco do Nordeste e Santander), em

Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIPs (Crediamigo), com a mediação da Prefeitura Municipal de Sobral, em três bairros da periferia dessa Sede municipal, que tiveram expressiva participação de agentes tomadores de microcrédito, tanto microempresas, quanto empreendedores autônomos.

O escrito sob relato constitui parte da dissertação de mestrado do autor principal deste texto, defendida em 2021, junto ao Mestrado Acadêmico em Geografia (MAG-UVA), oportunidade em que se intentou mostrar parte dos resultados da pesquisa, aprofundando as análises e as reflexões. O trabalho foi organizado em cinco segmentos, o primeiro dos quais é composto por esta introdução. No segundo, delinearão-se os aspectos da financeirização da sociedade e a captura dos agentes periféricos pelas finanças. No terceiro, abordou-se a ação dos bancos na territorialização do microcrédito em Sobral, enquanto, no seguinte, apontaram-se os dilemas e as estratégias de acesso ao crédito praticado pelos contratantes de microcrédito institucional em três bairros da periferia de Sobral-CE. Finalizou-se com algumas reflexões e conclusões atinentes.

Financeirização e a captura dos trabalhadores da periferia pelas finanças

A relação centro-periferia está sendo paulatinamente redefinida pela mundialização financeira com suas repercussões no mundo laboral e, conseqüentemente, no consumo. Dentre os aspectos que redefiniram as finanças, ocorrem a racionalidade da circulação do capital e, simultaneamente, seu potencial de corrosão dos valores de intermédio da produção. Outra face da mundialização financeira foi demarcada pela captura dos “mercados emergentes”, por intermédio dos mecanismos da liberalização e desregulamentação, a fim de captar as riquezas e ampliar os investimentos vantajosos e de grande liquidez (Chesnais, 2005).

Ao tratar do capital oriundo das instituições financeiras bancárias, Chesnais (2005, p. 35) assinala que “Esse capital busca ‘fazer dinheiro’ sem sair da esfera financeira, sob a forma de juros de empréstimos, de

dividendos e outros pagamentos recebidos a título de posse de ações e, enfim, de lucros nascidos de especulação bem-sucedida”. Ainda nas palavras do autor, esse capital financeiro é o portador de juros que tem atuação integrada entre os mercados doméstico e internacional.

Santos e Silveira (2006) já destacavam, nos anos 2000, que o desenvolvimento das técnicas de comunicação e transmissão de dados contribuiu significativamente na ampliação das possibilidades de integração das praças financeiras, “[...] possibilitando uma circulação verdadeiramente frenética de diferentes tipos de dinheiro” (*Ibidem*, 2006, p. 185). Conforme os autores ressaltam, a sociedade foi convocada a consumir os produtos financeiros num movimento que também tencionava sua dispersão pelo Território nacional. Em tal contextura, a financeirização e a “creditização” do Território pátrio estão relacionadas

[...] à reestruturação recente do sistema financeiro nacional, a implementação de um conjunto de políticas relacionadas ao campo financeiro, como o ajuste fiscal, a realização de reformas tributárias, a prática de juros e câmbio de mercado, a abertura aos fluxos de capitais estrangeiros, a desregulamentação e as privatizações de empresas públicas. As políticas de desregulamentação e desnacionalização alcançaram diferentes setores, dentre os quais o sistema financeiro, reestruturado profundamente a partir de meados dos anos 1990 com a implementação do Programa de Incentivo à Redução do Estado na Atividade Bancária (PROES) e do Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (Montenegro, 2017, p. 96).

Nessa conjuntura nacional, outro fator que possibilitou a ocorrência do microcrédito foi a existência do marco legal, em 1999, com a disseminação do microcrédito por parte de instituições como as organizações não-governamentais – ONG, organizações da sociedade civil de interesse público – OSCIP e bancos comerciais, que passaram a ofertar serviços ágeis e desburocratizantes (Lourenço, 2003).

A mundialização do capital e seus processos afetaram distintas escalas e, se suas origens são globais, estes nexos redefinem, ao mesmo passo, processos nas escalas das formações socioespaciais e dos lugares. A seletividade dos investimentos financeiros faz com que o protagonismo das finanças alcance atualmente novos espaços com suporte na reprodução dos nexos da financeirização em distintas escalas (Montenegro, 2017).

Silveira (2017, P. 373) expressa que a financeirização “[...] é, portanto, uma manifestação empírica da globalização, talvez a mais evidente hoje, que autorizou a falar de capitalismo financeiro, de momento financeiro do modo de produção, de mundialização financeira”. Segundo Bresser-Pereira (2018, p. 224), o capitalismo dos dias atuais pertence aos rentistas e, embora as instituições financeiras encontrem outras modalidades de lucro, “[...] a lógica das finanças permanece a lógica da dívida. Os lucros dos bancos dependem do quanto emprestam”.

Em consequência do panorama da divisão e da sobreposição da atividade financeira, os modelos de atuação foram marcos replicados pelos distintos organismos financeiros (bancos públicos e privados), e essa funcionalidade financeira alcançou as classes sociais desprivilegiadas economicamente. Consoante reporta Montenegro (2017), a financeirização alcançou novos patamares, à medida que se capilarizou por estratos de menor renda, dando ensejo a endividamento e aprofundamento da pobreza.

A oferta de crédito por instituições bancárias, agências financeiras e redes comerciais acaba por provocar, destarte, não apenas a expansão do consumo, mas a própria busca por novos empréstimos para quitação de dívidas prévias. Aprofunda-se, por conseguinte, o ciclo vicioso entre acesso ao crédito e ao consumo, endividamento crônico e aprofundamento da pobreza (Montenegro, 2017, p. 98).

Outro aspecto relevante é expresso por Silveira (2017, p. 372) quando essa autora questiona o modo como as pessoas passam a produzir “[...] a partir das novas condições impostas pelas finanças, rearranjando suas formas de trabalhar ao sabor de uma informação fragmentária, po-

rém ressignificada na copresença com agentes igualmente vulneráveis. As pessoas produzem com as finanças e apesar das finanças”. Essa informação, porém – que chega até os pequenos agentes de modo fragmentado sobre um novo produto ou inovação a ser incorporada que viraliza efemeramente, sem saber ao certo onde surgiu – ganhou as ruas e todos passam a desejar seu consumo. Desse modo, novos consumos passam a fazer sentido para as pessoas, e outros produtos, agora, são vendidos ou adaptados para a realidade das periferias.

No que se refere à escala local na Sede sobralense, a territorialização das finanças se torna considerável na perspectiva de que o microcrédito comporta aqueles que compõem a informalidade, ou seja, os trabalhadores que não possuem registro junto à Secretaria da Fazenda do Ceará (SEFAZ) e que vivenciam a falta de recursos próprios suficientes para montar/prover condições de trabalho, bem como lhes faltam bens a fim de servir de garantia para tomar empréstimo nos bancos tradicionais. Desse modo, em Sobral, a mediação do aparato normativo e político fez com que as ações enunciadas como microempreendedorismo formassem uma projeção de desenvolvimento local, isso por parte do Governo Municipal e instituições financeiras, *exempli gratia*, como os bancos (Lourenço, 2003).

As ações realizadas para a disseminação do microcrédito no final dos anos de 1990 em Sobral foram baseadas na formulação do Programa Trabalho Pleno¹ e contaram com a participação do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Essas ações tinham o objetivo principal de promover o acesso ao crédito às pequenas empresas e aos empreendedores autônomos (Lourenço, 2003).

Em 1998, como forma de consolidar o apoio creditício aos micro e pequenos negócios de Sobral, o poder público local criou o Fundo de Aval do Município (Lei nº 181, de

1 O Programa Trabalho Pleno foi implantado com “[...] o propósito de gerar 7.500 postos de trabalho no Município de Sobral até o ano 2000. Destinado a todos os habitantes do Município em idade ativa, especialmente aos que se encontravam fora do mercado de trabalho” (Lourenço, 2003, p. 79-80).

27 de maio de 1998) e firmou com o Banco do Nordeste um convênio para operacionalizar o Fundo de Aval. Nos termos do convênio, ficou acordado que o Município de Sobral depositaria no Banco do Nordeste a importância de 200 mil reais para garantir os financiamentos apoiados pelo Trabalho Pleno. O Banco do Nordeste, por seu turno, assumiu o compromisso de liberar até catorze vezes a importância depositada, em forma de financiamento para micro e pequenos negócios. A criação do fundo aval possibilitou a disponibilidade de uma linha de crédito simplificada e de baixo custo (*Ibidem*, p. 65).

As medidas tomadas pelo poder público por meio do Programa Trabalho Pleno para dar acesso ao crédito encontraram outros entraves, conforme Monié e Holanda (2001, p. 37) apontam, ao caracterizarem o segmento atendido pela política pública municipal.

Em primeiro lugar, no que diz respeito à estrutura da propriedade podemos observar uma grande heterogeneidade em termos de tamanho dos estabelecimentos. O setor informal conta com cerca de 5.000 micro e pequenas empresas que atuam em atividades secundárias e terciárias muito diversas. Este universo é longe de ser homogêneo, na medida em que coexistem atividades garantindo apenas meios de sobrevivência aos empreendedores e pequenas empresas (no ramo do calçado em particular) que já dispõem de uma inserção em mercados regionais. No entanto, a grande maioria dos empreendimentos é caracterizada pela escassez de capital, pelo baixo nível tecnológico e por dificuldades de acesso ao crédito e aos mercados. Todos estes elementos contribuem para o isolamento produtivo dos empreendedores e limitam drasticamente as perspectivas de desenvolvimento.

Na perspectiva de transformação socioeconômica, a atuação do poder público municipal promoveu maior abertura às instituições financeiras, que passaram a atuar realizando contratos de microcrédito para

empreendedores, não por exclusivismo local, mas acompanhando uma tendência de mercado. Essas instituições consolidaram as operações de microcrédito com os moradores da periferia por meio da instalação de postos de atendimento e atuação dos agentes de microcrédito nos bairros, constituindo territórios de atuação.

Essa circunstância de intenções, decisões e narrativas foi demarcada pela atuação dos agentes que ofertam microcrédito, visando a manter ou a aumentar o número de clientes por carteira, caracterizado, em geral, por autônomos que demandavam por capital para ampliar seu potencial de comercialização, bem assim com a possibilidade de possuir um estoque de mercadorias maior e mais diversificado, ou, ainda, em relação à melhoria das condições dos serviços prestados por aqueles autônomos ávidos por melhorar os equipamentos que possuíam, ou do serviço que já faziam e pretendiam inovar, superando a maneira como era realizada a própria atividade.

De tal jeito, os autônomos e microempreendedores passaram a ser responsabilizados pelo sucesso ou fracasso, tanto da operação bancária como do pagamento das parcelas, e também pela ampliação da atividade pós-obtenção e aplicação do capital. Ver-se-á a seguir como se deu a territorialização do microcrédito institucional em Sobral.

A ação dos bancos na territorialização do microcrédito institucional em Sobral

As condições do empréstimo no Brasil submetem-se historicamente à ação dos bancos no Território nacional. Na concepção de Corrêa (1989), a expansão das agências bancárias ocorreu conforme crescimento dos lucros, possibilitados pela prática de tomadores de empréstimos com juros mais altos do que a inflação, seguindo a concentração-dispersão dos bancos (menor número de bancos e aumento progressivo das agências).

Santos e Silveira (2006) ressaltam que, no final dos anos 1990, as desigualdades regionais eram reveladas pelo maior interesse do setor privado em áreas de maior densidade demográfica, técnica e informa-

cional, haja vista que, na região Sudeste, cerca de 64% das agências eram privadas, enquanto, no Nordeste, prevaleciam os bancos públicos, com 67% das agências bancárias.

A atividade bancária acontecia, desse modo, por intermédio das cidades que a controlavam e centralizavam agências, sobretudo na *Região Concentrada*. Corrêa (1989), contudo, apontava Sobral-CE como cidade cuja atividade bancária já exercia influência financeira com certa “tradição”² na composição do sistema financeiro e, portanto, na gestão no território.

A atuação dos bancos tradicionais transitou por mudanças correspondentes às estratégias da financeirização, com a apropriação dos ativos da economia pelo mercado financeiro. De tal sorte, a financeirização no território é passível de ser analisada com suporte nas modalidades de crédito oferecidas, fenômeno denominado “creditização” do território (Silva, 2015). De efeito, a autora chama atenção para a necessidade de “[...] analisar os novos mecanismos de que dispõem os agentes financeiros para a difusão/concessão de créditos. As instituições financeiras têm realizado ações para a ampliação da população bancarizada, por meio do uso de sistemas de objetos informacionais (principalmente)” (*Ibidem*, p. 100).

Contel (2009) evidencia o modo como a evolução na distribuição dos fixos geográficos bancários (agências, postos de atendimento, caixas eletrônicos) contribuiu na promoção e acesso dos serviços financeiros entre as populações urbanas. Sem dúvida, essa *hipercapilaridade do acesso ao crédito* decorreu, também, “[...] do aparecimento de novos objetos técnicos que aumentam o alcance social e espacial desses serviços, podemos dizer que foi incrementada sensivelmente a capilaridade da concessão de crédito no território brasileiro” (*Ibidem*, p. 128). O autor ressalta, dentre as novas modalidades de prestação de serviços bancários, a expansão do uso dos canais eletrônicos, mas também de correspondentes bancários que ensejaram maior acesso da população aos serviços financeiros mais básicos.

2 Tradição referente ao histórico de operações bancárias de depósitos e tomadores de empréstimos de Sobral que possuía sede de agência bancária. Destacamos, ainda, que o primeiro banco da cidade - o Banco Popular de Sobral - Bancesa foi criado em 1927 pelo primeiro bispo da Diocese de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota.

Impende evidenciar que as operações de crédito consistem, em sua maioria, na oferta de empréstimo pessoal suscetível de ser ofertado tanto por instituições financeiras bancárias quanto pelas não bancárias. Silva (2015) analisou os dados do Banco Central do Brasil referentes às operações de crédito para pessoa física de 2011 a 2013 e constatou que o maior aumento registrado ocorreu nas operações de “crédito pessoal consignado”, geralmente, concedidas a pensionistas, aposentados e servidores públicos.

Nesse contexto de participação da disseminação do acesso ao crédito na região Nordeste e, em específico, em Sobral, destaca-se a atuação do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), “Banco de desenvolvimento, sociedade anônima aberta, de economia mista, de personalidade jurídica de direito privado, Instituição Financeira Múltipla, criado pela Lei Federal nº 1.649/52, doravante denominado Banco” (BNB, 2024).

O BNB está sediado na cidade de Fortaleza-CE e iniciou suas atividades de microcrédito em 1998 com o Programa de Microcrédito Crediamigo, tornando-se, de tal modo, a primeira instituição bancária pública a atuar em operações de empréstimo direto ao cliente (Souza, 2011). Nessa trajetória, impõe-se evidenciar a atuação do Instituto Nordeste Cidadania (INEC),

[...] fundado em 1993, durante a Campanha Nacional de Combate à Fome, à Miséria e pela Vida, por iniciativa de funcionários do BNB. Dez anos após a sua fundação, em novembro de 2003, o INEC assinou o Termo de Parceria com o BNB, para operacionalização do Programa Crediamigo, após obter do Ministério da Justiça a qualificação como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), o que possibilitou sua atuação no setor de microcrédito (*Ibidem*, p. 121/122).

A operacionalização do Programa Crediamigo, feita pelo Instituto Nordeste Cidadania (INEC), ocorreu em toda a área de atuação do BNB, de modo que o INEC “[...] ficou responsável pela execução da metodo-

logia do Programa Crediamigo, conforme plano de trabalho aprovado pelo BNB, zelando pela qualidade e eficiência das ações e serviços prestados, e pela gestão administrativa do seu quadro de pessoal” (Souza, 2010, p. 122). A característica principal do Programa consistiu na obtenção do crédito por meio do aval solidário como garantia, tornando-se a principal estratégia nas operações de microcrédito realizadas pelo BNB que, posteriormente, promoveu a “bancarização” dos participantes do Programa Crediamigo com a abertura de contas-corrente sem custos (Sampaio, 2016).

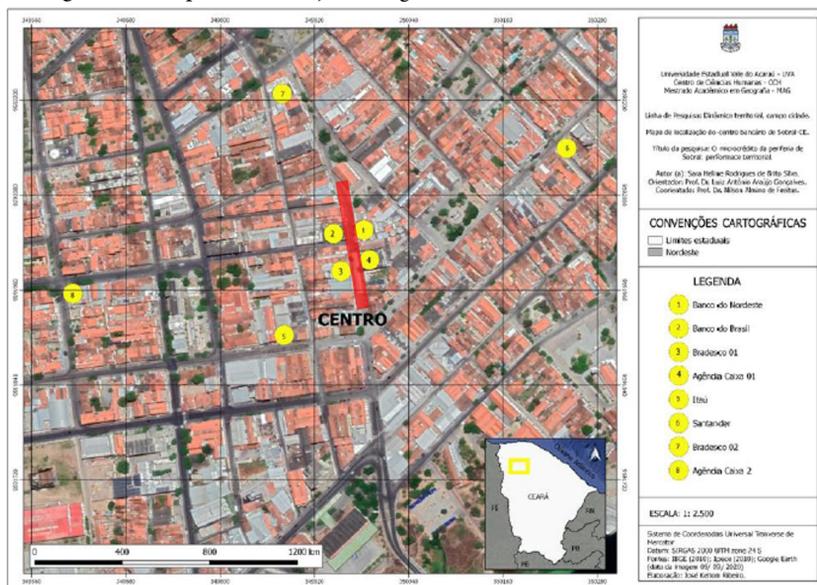
À extensão temporal, o Programa Crediamigo obteve um crescimento significativo do número de clientes e abrangência territorial. Nos anos 2000, tinha uma carteira de 57.943 clientes ativos, passando para 737.826 em 2010. Esse quantitativo alcançou a marca de 2.291.108 clientes ativos em 2020. A estrutura de atendimento nos estados já contava com 470 agências especializadas em microfinanças em 2020, sendo que a maior quantidade de agências nos estados de atuação do BNB encontrava-se no Ceará, com cento e trinta e duas (BNB, 2020).

As ações do BNB na promoção do desenvolvimento socioeconômico dos empreendedores ocorrem, assim, no atendimento aos segmentos da população com menor renda. Segundo o Relatório 2020 de Microfinanças do BNB, com relação ao perfil dos clientes do Programa Crediamigo, a maioria é de mulheres na faixa etária de 25 a 44 anos. Cerca de 40% dos tomadores de crédito têm renda de até R\$ 1.000,00. Quase 50% solicitam crédito até R\$ 2.000,00, em sua maioria, para o desenvolvimento da atividade de comércio (BNB, 2020).

No contexto da atuação dos bancos no Brasil, a territorialização deles na cidade de Sobral sucedeu historicamente na Rua Coronel José Sabóia, primeiramente, com a criação do Banco Popular de Sobral, no final dos anos de 1920, cujo prédio é ocupado atualmente pela Casa do Contribuinte. Conforme a figura, a seguir, verifica-se no mapa de localização das agências bancárias em Sobral a concentração das agências de Bradesco, Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Caixa Econômica e Itaú, numa extensão de apenas três quadras.

Seguindo mais à frente, na mesma rua, encontramos as financeiras Sicredi e a InvestCred na esquina com a rua Dom José. Em outras ruas, ainda perto desse eixo de concentração da atividade bancária, estão as agências do Santander, na Travessa Xerez, e o posto de atendimento do Crediamigo, no Beco do Cotovelo. Outras agências estão distribuídas em pontos importantes da cidade, como a do Banco do Brasil, na rua Coronel Diogo Gomes, bem próximo ao Mercado Central; da Caixa Econômica Federal, situada no Centro de Convenções de Sobral; e o posto do Crediamigo, no bairro do Sinhá Sabóia. Conforme o levantamento de campo, identificaram-se as instituições que ofertam microcrédito, conforme a classificação organizada pelo Sistema Financeiro Nacional, sendo as principais Crediamigo, Santander, Movera, Avante e Finsol.

Figura 28 - Mapa de localização das agências bancárias na cidade de Sobral-CE



O Coordenador do Posto Crediamigo do bairro Sinhá Saboia, Paulo Ferreira da Silva, explicou que a organização do trabalho para promover a divulgação e a disseminação do microcrédito do Programa Crediamigo do BNB segue algumas orientações:

- A organização do Crediamigo em Sobral é feita com subdivisões em coordenações, isto é, de Agentes, Áreas de atividade (de atuação), carteiras de clientes, de modo que a territorialização segue o critério de atendimento por bairro e por proximidade para maior comodidade do cliente. Os postos de atendimento, entretanto, não disponibilizam saques, apenas a realização da contratação do empréstimo;
- Tipo de produto/Serviço: o Crediamigo é um microcrédito produtivo orientado, ou seja, possui avaliação financeira (Fiado, Estoque, Produtividade). É orientado porque presta informações financeiras, como Educação Financeira e Controle de Estoque;
- O pagamento do empréstimo é realizado em até seis prestações, com a primeira para 45 dias com juros de 2,30% (Percentual praticado em 2019);
- A contribuição e compromisso com o território: participação na Semana do Microempreendedor Individual - MEI em parceria com a Prefeitura de Sobral que disponibiliza 15 expositores para a Feira de Arte e Negócios;
- Valor do microcrédito: de R\$ 10 a R\$ 20 mil (Valores praticados em 2019);
- Participação do desenvolvimento socioeconômico, incentivando o desenvolvimento local e também para diversificar os produtos e serviços oferecidos nos bairros.

A territorialização dos agentes de microcrédito nos bairros remete-nos à compreensão do conceito de território – outra dimensão, não necessariamente, da fronteira do Estado-Nação, mas do entendimento dos territórios, que são “[...] no fundo antes *relações sociais projetadas no espaço* que espaços concretos (os quais são apenas os substratos materiais das territorialidades – voltar-se-á a isso mais adiante), podem [...] formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido” (Souza, 2000, p. 87).

Crê-se que o êxito do Programa Crediamigo decorre também da função que os agentes de microcrédito exercem nos territórios, atuando nos diversos bairros e cidades da região Nordeste, renovando a carteira de

clientes. Contel (2009, p. 130) já chamava atenção para o papel dos correspondentes bancários, por serem locais que realizam operações mais simples, pois “[...] é possível que os bancos treinem e contratem uma mão-de-obra menos especializada, realizadora de operações básicas, pouco complexas em termos operacionais (basicamente a manipulação de um terminal de computador para o atendimento aos clientes)”. Na entrevista realizada com um agente de microcrédito, observa-se o relato sobre como vão sendo treinados para avaliar a capacidade individual do empreendedor e somente depois realizar a liberação do crédito, mesmo ante a insistência que os bancos fazem para que suceda o empréstimo³:

Durante nosso treinamento já somos inseridos na carteira, então a gente vai vendo a maneira como o coordenador, ou como o agente de microcrédito urbano atua, e vai tirando lições daquilo, e vai aperfeiçoando conforme o tempo e conhecimento que você vai adquirindo com os clientes, depois você já vai tendo uma ideia de quem é quem, quem quer o dinheiro pra investir e quem quer pra outra coisa. Porque não é só emprestar dinheiro como muitos pensam. Isso é perigoso. Tem que ser para uma atividade (W.O., agente de microcrédito urbano, entrevista realizada em 2020).

Na visita ao posto/unidade de atendimento, os pesquisadores tiveram acesso a panfletos para divulgação e rotina de atendimento, ou seja, a fim de visualizar as ações realizadas pelos agentes de microcrédito urbano na operacionalização do crédito. Na oportunidade, viram grupos que participavam assinando contrato, outros negociando a revitalização de empréstimos. A visita ocorreu pelo fato de o agente ter sido citado por um número maior de contratantes com quem dialogamos a respeito do microcrédito nos bairros.

Neste segmento capitular, é dado compreender melhor a territorialização dos bancos na cidade, entretanto, vê-se a importância dos postos

3 Empréstimo é como, geralmente, o microempreendedor autônomo denomina a operação de microcrédito.

de atendimento para microcrédito na captura do público dos bairros periféricos. A seguir, serão explanados os desafios enfrentados pelos empreendedores autônomos contratantes do microcrédito e as ações que perfazem sua trajetória para viabilizar seu negócio.

Os contratantes de microcrédito institucional em Sobral-CE

Santos (2004, p. 229) evidencia que o crédito tem uma função indispensável, tanto para os agentes que precisam iniciar ou manter uma atividade, quanto para os consumidores que, com apoio nele, têm acesso ao consumo. Dessa maneira, o autor assinala que a função do crédito é “[...] indispensável à sobrevivência das famílias e também dos negócios, ressalta a importância do *endividamento* em todos os níveis. Numa economia em que o dinheiro líquido é indispensável, mas raro, a *usura* torna-se uma prática frequente”.

É importante ressaltar que a percepção sobre a necessidade de empréstimos por parte da população é marcada pela escassez de recursos financeiros, seja para sobreviver, seja para dar início a um negócio ou mantê-lo. Essa condição de escassez, também, está relacionada, dentre outros fatores, a um histórico de dependência conservada por esses trabalhadores autônomos com emprestadores não bancários, que cobram juros extorsivos, ou seja, os agiotas⁴.

Em Sobral, essa circunstância de dependência entre os empreendedores autônomos e onzeneiros é intensa nos bairros periféricos. Observa-se, a partir de anotações no diário de campo e entrevistas, como a ocorrência da agiotagem é marcada pela atuação de grupos, como os “colombianos”⁵, que oferecem dinheiro fácil, direto, mas caro.

4 Segundo o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda (2004), o agiota é aquele que pratica a agiotagem, ou seja, a transação financeira com obtenção de lucros exagerados, notadamente, em empréstimos a juros exorbitantes.

5 Os “colombianos” constituem um grupo de agiotas que atuam nos bairros periféricos, mas não necessariamente nasceram na Colômbia. Eles passam oferecendo dinheiro a juros, tendo cobradores que diariamente recolhem os juros. Por constituir um ato ilícito, segundo os moradores, esses cobradores são trocados constantemente.

Em nossa primeira visita a um bairro periférico, encontramos um vendedor de água de coco e de salgados, em sua bicicleta uma placa parecida com a marca da Caixa Econômica. Aquela imagem despertou minha atenção e eu me aproximei para perguntar sobre sua atividade e porque carregava aquela placa tão pesada. Ele me convidou para ir na sua casa. Lá contou sobre sua vida, mostrou os bens materiais existentes na casa, como fazia e vendia seus salgados. Posteriormente, quando perguntei se ele já tinha feito algum empréstimo para ajudar na realização da sua atividade, ele afirmou não precisar, pois ele mesmo era quem emprestava no bairro, e perguntou se eu tinha interesse. Disse: “o dinheiro não é meu, mas eu entrego e presto contas”. Depois detalhou como ocorria o pagamento realizando uma simulação com relação a uma quantia, os juros e a forma como deveria ocorrer o pagamento. Essa foi a primeira vez que tive contato com a agiotagem. Posteriormente, encontrei cobradores de empréstimos, realizando uma cobrança em um comércio (Diário de campo, em 01 jan. 2019).

Haja vista a atuação da agiotagem concomitante aos agentes de microcrédito, os contratantes expressam a opinião de que o valor do empréstimo dos bancos seria suscetível de ser ampliado, pois, conforme relatam, ajudaria a diminuir a procura pelo dinheiro dos agiotas, evitando outra dívida. Essa alternância na obtenção de dinheiro afeta, segundo eles, a renda do pequeno negócio, pois precisam abater o pagamento dos juros nos lucros, que já são mínimos.

Outra razão pela qual os agiotas são frequentemente requisitados decorre do fato de o morador estar com o nome “sujo”⁶ junto aos bancos. Outros motivos, entretanto, foram relatados, como a burocratização do crédito bancário, o tempo de aprovação do empréstimo e as situações de limite financeiro. Desse modo, os autônomos recorrem ao pedido de empréstimo para mitigar um problema mais emergencial, perdurando

6 Nome “sujo” - da pessoa que está devendo o empréstimo em bancos e não conseguiu honrar o pagamento da dívida.

sua condição de endividamento. Tal fato é observável no relato do dono de um pequeno comércio de produtos alimentícios, hortaliças e frutas, no bairro Dr. José Euclides Ferreira Gomes (Terrenos Novos).

Eu fiz o Crediamigo durante dois anos para ajudar a montar o negócio, começar, sabe? Mas depois achei que não tinha futuro, porque o dinheiro era pouco, aí eu faço com os agiotas, os colombianos. É mais rápido e eles vêm pegar o juro aqui, todo dia (Entrevista com dono de um pequeno negócio no bairro Dr. José Euclides Ferreira Gomes em 27 jun. 2019).

Conforme a entrevista realizada, outro aspecto revelado na ocorrência do microcrédito, do ponto de vista operacional, é a distância entre o que o Banco propõe e o que de fato acontece, principalmente quanto aos requisitos da orientação do crédito. Em registros de campo, observou-se uma orientação mais focada no pagamento das parcelas do empréstimo e com menor interesse na condução do crédito.

Essa inclinação à realização do crédito (início) e pagamento das parcelas (fim) por parte do agente de microcrédito no território tem vigência por vários fatores. Primeiro, para que as metas sejam alcançadas mais rapidamente, ou seja, do número de empréstimos por carteira, e isso impossibilita um acompanhamento mais intensivo e comprometido com as medidas estabelecidas a respeito do microcrédito, meio da operação. Outro fator mencionado é a resistência dos contratantes em compreender a finalidade do microcrédito oferecido, sua visão de que já sabe negociar e que não precisam de intervenções/opiniões sobre seu negócio.

Sendo assim, o empreendedor que tem pressa para resolver suas necessidades de capital ante as possibilidades de oferta dos bancos inclina-se a realizar o empréstimo no banco onde o dinheiro for liberado mais rápido, conforme o depoimento: “Quando eu vou fazer eu olho onde sai mais rápido. A gente esperava e demorava 15 dias. Era só dizendo tá sendo liberado, agora eles perceberam e tão melhorando. Até no

Crediamigo mudou um pouco. O Santander libera mais rápido e mais dinheiro” (S., Entrevista em 17 de agosto de 2020).

Essa posição distanciada do propósito do microcrédito, preocupando-se mais com a circulação financeira, segundo os próprios agentes de microcrédito do Crediamigo, causa a descaracterização do funcionamento estruturante do Programa de microcrédito, que gravita ao redor do compromisso consigo, o outro e o território para a superação de situações que ocasionam pobreza. Os agentes atuantes no território, no entanto, acreditam realizar essa ação de contribuição socioeconômica para os bairros periféricos, ao relatarem “o poder do capital” liberado sobre a vida das pessoas nos bairros atendidos.

Ressalta-se, então, o comportamento dos agentes do Crediamigo e o caráter que o banco público assume, segundo o coordenador do posto de atendimento do bairro Sinhá Sabóia, junto à população de Sobral, quanto à responsabilidade de ofertar o crédito no valor que o contratante é capaz de pagar, assumindo a posição de um banco que se preocupa com as regras da avaliação do crédito, mas também com o resultado da operação para o cliente. A entrevista resultou na disposição de dados quantitativos referentes à carteira de clientes do Programa Crediamigo nos bairros Sumaré e Padre Palhano (Tabela).

Tabela 1 - Número de contratantes de microcrédito nos bairros Sumaré e Padre Palhano – Sobral-CE (2019)

Bairro	Clientes	Masculino	Feminino	Carteira Ativa	Inadimplência	%	Média Carteira
Sumaré	528	129	399	881.102,39	31.064,64	1,71%	1.668,75
Padre Palhano	471	129	342	933.078,83	20.005,83	1,10%	1.981,06
Total	999	258	741	1.814.181,22	50.978,47	2,81%	

Fonte: Crediamigo / Agência Sinhá Sabóia em 24/06/2019.

De modo geral, é oportuno evidenciar o número de contratantes de microcrédito nos bairros Sumaré e Padre Palhano, formando uma carteira ativa que movimentou cerca de R\$ 1,8 milhão de reais em 2019, com baixo percentual de inadimplência. A tabela aponta uma realidade evidenciada durante as entrevistas, isto é, de que a maior procura pelo

microcrédito é de mulheres. Isso – decerto – está relacionado ao crescimento do número de mulheres chefes de família e que, portanto, pretendem gerar uma renda para o sustento familiar, como também se liga à própria motivação feminina em querer ter autonomia financeira e, ainda, à conjuntura socioeconômica fluente que absorve mais o trabalho feminino. Outra condição é a de ser mais cultural, visto que a mulher “assume com mais facilidade” sua escassez de capital para montar seu empreendimento, portanto, procura mais os bancos para resolver seus problemas socioeconômicos. Essa condição também é suscetível de ser de submissão, quando seu nome é utilizado para solicitar o empréstimo, porém o dinheiro é destinado ao cônjuge.

No concernente à atuação do Banco Santander, o gerente, justificando as inúmeras atribuições, não ofereceu dados mais explicativos, apenas relatou ter quinze agentes de crédito que atendem ao território de Sobral e realizam a análise financeira individual e do grupo para o aval solidário. Acrescentou que o Banco efetiva ações que contribuem para a educação financeira, com cursos de capacitação ofertados, com duração de até cinco dias e que, recentemente, tinha executado projetos como a Caravana do Empreendedor, nos Bairros de Sumaré, Dr. José Euclides Ferreira Gomes (Terrenos Novos) e Novo Caiçara. O “afrouxamento das regras” e prazo mais curto para liberação do recurso, segundo um entrevistado, aponta para a realização de uma economia reversa, ou seja, do maior endividamento do contratante.

Situações como a relatada concorrem para identificar a relação entre a pobreza e a falta de capital doméstico, o que justificaria a elaboração de estratégias para combater a exploração da população mais pobre com políticas públicas que deem oportunidade à entrada de capital para promover a atividade econômica. Essa é uma recomendação observada em diversos planos econômicos nacionais de governo, entretanto, ainda parece haver um descompasso relativamente à visão dos planos econômicos com base na concepção da pobreza que elaboram e a realidade relatada pelos contratantes de microcrédito.

Dessa maneira, o conceito de pobreza parece ser relativo quando comparamos duas realidades. Daí a relevância de estudos que identifiquem a dinâmica da pobreza e sua compreensão nas realidades locais, na temporalidade corrente (condições presentes-indivíduo na sociedade em que vive) daqueles que participam na economia moderna constituída por dois circuitos da economia urbana, conforme Santos (2004, p. 40) define, ou seja, um Circuito Superior formado pelos “[...] bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores”. Esse circuito está articulado a um Circuito Inferior, constituído “[...] por formas de fabricação não-‘capital intensivo’, pelos serviços não-modernos fornecidos ‘a varejo’ e pelo comércio não- moderno e de pequena dimensão” (*Ibidem*).

Desse modo, o acesso ao microcrédito institucional é um mecanismo financeiro de uma política pública que deve continuar atuando para a redução da pobreza, sobretudo, com a participação dos agentes do Circuito Inferior da economia urbana e que precisam de crédito para desenvolver suas atividades econômicas. A perspectiva do microcrédito, entretanto, se comporta como mecanismo de enfrentamento à pobreza, sem, contudo, apontar no horizonte o seu fim.

Conforme Santos (2006, p. 125) “Os lugares reproduzem o País e o Mundo segundo sua ordem. É essa ordem unitária que cria a diversidade, pois as determinações do todo se dão de forma diferente, quantitativa e qualitativamente, para cada lugar”. As estatísticas continuam tendo relevância para a formulação dos planejamentos e políticas públicas, tanto para identificar o estágio da pobreza, quanto na formulação dos planos para combatê-la. Alguns aspectos particulares, contudo, devem ser mais bem observados, sobretudo, quando relacionamos a lógica da rotatividade do emprego formal e a participação dos trabalhadores autônomos que acessam o microcrédito. Parte desses trabalhadores consegue resguardar um pequeno capital e eles passam à autodenominação de **empreendedor**, atuando em pontos de comércio e prestação de serviços nos bairros onde residem sem maiores perspectivas. Em razão disso, recorrem também aos benefícios do Programa Bolsa-Família.

É por isso que Gonçalves (2019, p. 16) concede evidência para as feiras como dimensão desse espaço vivido por trabalhadores que se ocupam na pequena produção e comercialização da confecção popular, de modo autônomo. A feira é esse espaço de comércio por excelência, e sua territorialização tem curso pelo “[...] uso do espaço público urbano como condição de sobrevivência para grande parcela dos trabalhadores autônomos”.

Há um grande incentivo para o emprego da abordagem inovadora e o uso da criatividade, que se refere às maneiras como o autônomo adapta suas condições de trabalho para alcançar o consumidor: se em trânsito, utilizando o próprio corpo para transportar as mercadorias, a voz para chamar atenção do comprador, com a recorrência aos transportes para o deslocamento no bairro ou cidade, ou, ainda, pelas redes sociais, que transpõem fronteiras, mediante as narrativas que contam para convencer o cliente a respeito do produto e preço ofertados. Todas essas multitarefas, contudo, recaem sobre o empreendedor autônomo, que, com o fito de executá-las, necessita de uma jornada de trabalho mais extensa para manter-se.

Das possibilidades de acesso ao crédito acima relatadas, o valor e a quantidade de vezes variam conforme a atividade, porém a acessão é havida como limitada, pois exige do trabalhador maior esforço para alcançar de fato uma renda concedente da sua sobrevivência que seja capaz de contribuir no enfrentamento dos problemas sociais e, principalmente, aqueles relacionados ao combate à vulnerabilidade da pobreza.

Outro aspecto a ressaltar reside no esforço que o autônomo/empreendedor realiza para se manter em atividade, localizado nas diversas estratégias às quais recorre para conseguir algum recurso. Assim, vale-se da agiotagem, do capital familiar, do microcrédito, e, ainda, quando logra conciliar, do salário de um emprego formal. Essas opções dão continuidade ao negócio até que o empreendimento consiga “andar com as próprias pernas”. Enquanto isso não sucede, sobra ao empreendedor se espelhar nos exemplos de sucesso.

Considerações finais

A financeirização e sua ação/força de encontrar os ativos e os recursos nos espaços aliam-se à conjuntura normativa nas distintas escalas para realizar seus propósitos de rentabilidade. Essa racionalidade econômica possibilitou a participação dos estratos pobres no consumo de produtos financeiros que, por sua vez, alcançaram os *loci* periféricos. Os trabalhadores autônomos passaram a ser contemplados com outra visão ante as condições de exclusão socioeconômica e as precárias condições de sobrevivência.

Assim, o alcance da atividade financeira sobre as populações pobres, antes excluídas dos serviços bancários no Brasil, ocorreu pelo acesso ao microcrédito institucional que mantém relação direta com o panorama das determinações da financeirização obsequentes à orientação da procura pela rentabilidade, capturando espaços e relações periféricas.

Ante o exposto, em Sobral, a conjuntura explanada possibilitou a ação do Poder Público Municipal em atos de estímulo socioeconômico por meio da atividade financeira de acesso ao microcrédito, disseminada no final dos anos de 1990 e início dos anos de 2000, com repercussão até hoje. Com efeito, essa ação teve medida imediata para atender às necessidades da formação das modalidades de trabalho e geração de renda, inserindo parte da população que morava na periferia dessa cidade.

Evidenciou-se, por oportuno, a trajetória de vida dos autônomos em sua demanda por viabilizar sua atividade de comércio (produtos alimentícios, higiene, perfumaria, vestuário) e de serviços (salões de beleza e oficinas), os quais são capturados pela oferta de microcrédito que articula o lugar à lógica globalizada do capital financeiro, reorganizando os territórios dos bairros com amparo nas finanças, legalizadas ou não.

As ações de desenvolvimento socioeconômico que fomentam os pequenos empreendimentos têm as microempresas inseridas no seu contexto, visualizando um desgaste dos negócios em seu sentido mais amplo, uma vez que o mecanismo, em si, não possui condições de concretizar a função crucial de combate à pobreza, haja vista a realidade

de sua essência estar assentada nos princípios de rentabilidade. O sucesso da operação é observado com apoio na adimplência, ou seja, do pagamento em dia, ao mesmo tempo em que, conforme os panfletos, é ofertado “amparo social”.

As análises até aqui procedidas provieram da dissertação de mestrado defendida em março 2021, que transitou por outras nuances em razão do contexto da pandemia de covid-19, a qual tornou essa realidade mais aguda, tanto pela inadimplência quanto pelo ciclo de empréstimos tomados como mecanismo de sobrevivência, o que prolongou o período de endividamento desses sujeitos. Esse mote, todavia, já merece outra perquisição de ordem acadêmica.

Referências

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL – BNB. **Estatuto Social**. Consolidado na Assembleia Geral Extraordinária realizada em 05/08/2024. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/web/guest/transparencia-e-prestacao-de-contas/estatuto-social?p_l_back_url=%2Fbusca%3Fq%3Destatuto%2Bsocial. Acesso em: 21 dez 2024.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL - BNB. **Relatório 2020**: Programa de Microfinanças do Banco do Nordeste. BNB: Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/documents/45775/375048/Relat%C3%B3rio+de+Microfinan%C3%A7as+-+2020.pdf/41f83603=895-f-fd6c667-f9-e4f505f456d?version=2.0&t=1659040263256>. Acesso em: 21 dez. 2024.

BRESSER-PEREIRA, L. C. Capitalismo financeiro-rentista. **Estudos Avançados**, São Paulo/SP, v. 32, n. 92, p. 17-29, 2018.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

CHESNAIS, F. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. *In*: CHESNAIS, F. (Org.). **A finança mundializada**: raízes sociais e políticas, configurações e consequências. Tradução de Rosa Maria Marques e Paulo Nakatani. São Paulo: Boitempo, 2005.

CONTEL, F. B. Espaço geográfico, sistema bancário e a hipercapilaridade do crédito no Brasil. **Caderno CRH**, Salvador/BA, v. 22, n. 55, p. 119-134, jan./abr., 2009.

CORRÊA, R. L. Concentração bancária e os centros de gestão do território. **Rev. bras. Geogr.**, Rio de Janeiro/RJ, v. 51, n. 2, p. 17-32, abr./jun., 1989.

FREITAS, N. A. de. Narrativas sobre o espaço: o pesquisador, o narrador e a cidade. **Rev. Antíteses**, Londrina/PR, v. 5, n. 10, p. 833-853, jul./dez. 2012.

GONÇALVES, L. A. A. **A metamorfose da feira nordestina: a inserção da confecção popular**. São Paulo: Blucher/Edições UVA, 2019.

HOLANDA, A. B. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 7 ed., rev. e atual., 2004.

LOURENÇO, M. S. M. **Trabalho Pleno: construção do desenvolvimento local**. Sobral: Edições UVA, 2003.

MONIÉ, F.; HOLANDA, V. C. C. de. **Redes técnicas e redes sociais: problemáticas do desenvolvimento local integrado e sustentável**. Estudo de caso nº 3. Reestruturação produtiva, desconcentração industrial e desenvolvimento local: modernização, taylorização do território e políticas públicas inovadoras no município de Sobral, Ceará. Relatório final de pesquisa. LABTeC/ UFRJ – NEURB/ UVA, 2001.

MONTENEGRO, M. R. Da financeirização ao lugar: dos nexos hegemônicos às contra-racionalidades do cotidiano. **GEOgraphia**, Niterói/RJ, v. 19, n. 40, p. 92-106, maio/ago. 2017.

SAMPAIO, P. S. O microcrédito produtivo orientado no Brasil: um panorama da evolução do quadro regulatório, dos atores institucionais e de seu efeito na superação da pobreza. **Rev. de Direito Setorial e Regulatório**, Brasília/DF, v. 2, n. 2, p. 47-104, out., 2016.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed., 2 reimpr., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006 (Coleção Milton Santos; 1).

SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Tradução de Myrna T. R. Viana. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004 (Coleção Milton Santos; 4).

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no século XXI**. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, F. C. A creditização do território e o circuito inferior da economia urbana na Região Metropolitana de Campinas. **Bol. Campineiro de Geogr.**, Campinas/SP, v. 5, n. 1, p. 95-118, 2015.

SILVEIRA, M. L. Banalidade das finanças e cidadania incompleta: lugar e cotidiano na globalização. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 21, n. 2, p. 370-383, ago., 2017.

SOUZA, J. G. Microcrédito em Fortaleza: um instrumento de redução da pobreza? **Documentos do Etene**, n. 30. Fortaleza: BNB, 2011.

SOUZA, M. C. G. F. de. **O desenho do Programa Crediamigo do Banco do Nordeste: inclusão social e mercado**. Fortaleza: BNB, 2010.

SOUZA, M. J. L. de. Região, bairro e setor geográfico. In: SOUZA, M. J. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O nativo relativo. **Mana**, Rio de Janeiro/RJ, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.

SOBRE OS ORGANIZADORES



Virginia Célia Cavalcante de Holanda

Professora associada dos cursos de graduação em geografia (bach. /licenc.) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PROPGEIO da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. É bolsista do Programa de Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e Inovação Tecnológica - BPI, financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Fun-cap. É membro da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias-ReCiMe e da Rede de Pesquisadores sobre Pequenas Cidades-Mikripoli. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6070-7292>. E-mail: virginia_holanda@uvanet.br



Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Professor adjunto dos cursos de graduação em geografia (bach. / licenc.) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PROPGEIO da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Projeto de pesquisa contemplado pela Chamada Universal CNPq/MCTI/FNDCT nº 18/2021. É membro da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias-ReCiMe e da Rede de Pesquisadores sobre Pequenas Cidades-Mikripoli. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2090-6312>. E-mail: luiz_goncalves@uvanet.br



Glauciana Alves Teles

Doutora e Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará - PROPGEIO/UECE. Docente do curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA e Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PROPGEIO/UVA. Coordena o Projeto de Pesquisa: Desenvolvimento Urbano, Cidades Inteligentes e Sustentáveis no contexto do PDPG III (CAPES/FUNCAP). É coordenadora do grupo de pesquisa Geografia, Ensino e Formação Docente (DGP/CNPq), do Laboratório de Pesquisa e Ensino de Geografia (LAPEGEO) e do Projeto de extensão internacional “Nós Propomos! Educação Geográfica, Inovação e Cidadania Territorial” na UVA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6952-8837>. E-mail: glauciana_teles@uvanet.br

SOBRE OS AUTORES

Adilson João Tomé Manuel

Angolano, Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Paulista -UNIP Campus de Bauru. Mestre em Gestão do Espaço Urbano, Universidade São Judas Tadeu- USJT (2016). Coordenador do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário INTA -UNINTA. Coordena o Núcleo de Experimentações Digitais em Arquitetura e Urbanismo - NEXAU, do Projeto de Pesquisa Inovação e Tecnologia- INTEC-UNINTA (desde 2023).

Aldiva Sales Diniz

Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo - USP. Professora dos cursos de graduação em geografia (bach. /licenc.) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia -PROP GEO da Universidade Estadual Vale do Acaraú -UVA.

Andréia Coelho Cela

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (2019) e é Mestra em Planejamento Urbano pela mesma instituição (2023). Atualmente atua como assessora de gestão na Assessoria de Prevenção à Violência do Governo do Estado do Ceará, onde gerencia a implementação do Programa Integrado de Prevenção e Redução da Violência por meio da cooperação técnica com nove municípios do interior do estado. Tem vivência profissional na área de planejamento e gestão de projetos e, no campo acadêmico, tem trabalhado principalmente nos seguintes temas: produção do espaço urbano, bairros periféricos, violência urbana, vulnerabilidade social, segregação socioespacial, direito à cidade e urbanismo social.

Cícera Sarah Moura Farias

Graduada e Mestre em Arquitetura pela Universidade Federal do Ceará - UFC, foi Gerente de Biodiversidade na Agência Municipal do Meio Ambiente de Sobral (AMA), responsável pela manutenção de praças, parques e unidades de conservação, com ênfase em soluções baseadas na natureza e resiliência climática. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Luciano Feijão.

Eloise de Brito Mudo

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2009) e mestrado acadêmico em Planejamento Urbano e Regional pelo PROPUR UFRGS (2017). É Técnica em Edificações pelo IFCE (1998). Atualmente é docente e gestora de extensão e responsabilidade social no Curso de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário INTA-UNINTA, em Sobral-CE.

Fernanda Elias Fernandes

Graduada em Administração Centro Universitário UNINTA. Possui mais de 15 anos de experiência em gerenciamento de projetos e programas no Setor Público, com financiamento proveniente de recursos internacionais de Bancos Multilaterais de Desenvolvimento, como o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento - BIRD, Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID e Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe - CAF.

Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2013). Professor adjunto dos cursos de graduação em geografia (bach. / licenci.) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia -PROPGEIO da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA.

Gabrielle Astier de Villatte Wheatley Okretic

Professora do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo e responsável pelo setor de Internacionalização do Centro Universitário UNINTA (Sobral-CE). Docente no curso de Engenharia Civil da Faculdade UNINTA Sobral-CE. Realizou estágio Pós-doutoral junto ao

Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (PROP GEO/UVA).

Isabela Gomes Parente

Graduanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Membro do Laboratório de Estudos Ambientais e Climáticos (LEAC - UVA). Foi bolsista BPI - FUNCAP com a pesquisa Caracterização Termohigrométrica e Conforto Térmico Humano em espaços abertos de lazer: uma análise sazonal microclimática em praças públicas de Sobral-CE (2020-2022).

Jailson Lopes Albuquerque

Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2022). Atualmente encontra-se vinculado ao grupo de estudo Crítica à Economia Política do Espaço ligado ao Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais - LEURB/UVA.

Jander Barbosa Monteiro

Doutor e Pós-Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Possui Graduação em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Professor adjunto dos cursos de graduação em geografia (bach. / licenc.) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia -PROP GEO da Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA. É bolsista de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e Inovação Tecnológica, da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP.

Joffre Fontenelle Filho

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Graduado em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Atualmente é Professor de Geografia da Rede Pública de Ensino do Estado do Ceará.

Kemmison Luiz Paula de Sousa

Graduado em Engenharia Civil e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Atuando principalmente nos seguintes temas: terraplanagem e pavimentações, Sistemas de Esgotamento Sanitário (SES), Sistemas de Abastecimento de Água (SAA), Sistemas de Drenagem, resíduos sólidos, serviços de Segurança do Trabalho, Análises Ambientais e recuperação de áreas degradadas e Energias Renováveis.

Luciana de Andrade Catunda

Licenciada e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2016), desenvolve trabalhos na área de Geografia Humana com foco em Geografia Urbana. No período de 2019 a 2023, exerceu o cargo de Assistente Técnica na Secretaria do Urbanismo, Habitação e Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Sobral – CE. Atualmente, compõe o quadro docente da Faculdade Via Sapiens – FVS.

Luz Maritza Mantilla Chanagá

Possui graduação em Direito da Universidad de Santander (UDES-Colômbia). Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA; Diplomada em Direitos Humanos (DDHH) da *Fundación Universitaria de San Gil* (UNISANGIL-Colômbia). Trabalhos em unidades rurais deslocadas pela violência na Colômbia, temas específicos: Migração forçada interna do campo para a cidade, Direitos Humanos, Direitos Fundamentais das vítimas, Avaliação do direito a educação, moradia digna, educação, saúde e trabalho. Facilitadora em Escolas de Campo para Agricultores (ECAs). Integrante do Núcleo de Estudos sobre Acesso e Permanência na Educação (UENF/IFFluminense) . Tradutora de textos ao espanhol no mesmo grupo.

Maria Antônia Xavier Soares

Graduanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Membro do Laboratório de Estudos Ambientais e Climáticos (LEAC). Bolsista BPI - FUNCAP, com a pesquisa O uso de transectos móveis na avaliação do conforto térmico humano: uma análise a partir da implementação de corredores verdes em Sobral-CE (2023-2024).

Maria da Penha dos Santos Costa

Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia - PROP GEO da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. E-mail: penhavaz19@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0003-3050-2573>.

Maria do Carmo Alves

Mestre e Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo - USP (2017). Licenciada e Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Atualmente é Professora do Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Editora da Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS).

Marília Gouveia Ferreira Lima

Mestre em Engenharia de Transportes - Departamento de Engenharia de Transportes Centro de Tecnologia - Universidade Federal do Ceará UFC-CE. Pós-graduada em Gestão Ambiental Urbana pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará IFCE e graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará. Coordenadora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Luciano Feijão. Foi Secretária do Urbanismo, Habitação e Meio Ambiente (Seuma) da Prefeitura de Sobral, no período de 2017 a 2024.

Nilson Almino de Freitas

Professor da área de Antropologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Coordenador do Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas - LABOME. Professor do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional - Profsocio. Professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia -PROP GEO, da Universidade Estadual do Ceará UECE. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0324-3131>. E-mail: nilsonalmino@hotmail.com

Samuel Antônio Miranda de Sousa

Possui graduação (2007), Mestrado (2010) e Doutorado (2021) em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Atualmente é Coordenador dos Cursos de Gestão Ambiental e Gestão da Qualidade EAD Wyden. É professor dos cursos de engenharia e gestão, presencial e EAD no Unifanor. Tem experiência na área de Geociências, com

ênfase em Planejamento e Gestão Ambiental e Planejamento Urbano e Regional.

Sara Heline Rodrigues de Brito Silva

Licenciada e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Professora efetiva da Rede Pública Estadual do Ceará - SEDUC-CEARÁ. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-7357-9562>
E-mail: saraheline@hotmail.com

Thaysslorranny Batista Reinaldo

Pós-doutoranda pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA com bolsa da FUNCAP Edital 09/2023 de apoio ao Pós-Doutorado. Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Mestre e Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Atuou como professora temporária no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA de 2021-2023 e na Universidade Federal do Tocantins - UFT de 2017-2019.

Úrsula Priscyla Santana Nóbrega

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2016), com intercâmbio na Kansas State University (2014). Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2022). Atualmente é docente do curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade Luciano Feijão. Foi Superintendente da Agência Municipal do Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Sobral. Atua em planejamento territorial, design urbano e arquitetônico, design gráfico, fotografia e artes plásticas. É membro ativo do grupo artístico “Estrelas do Norte”, responsável pela Bienal Norte de Artes Plásticas, e participou da revisão do Plano Diretor de Sobral (2022-2030). Supervisionou a manutenção dos Jardins Biofiltrantes do Riacho Pajeú e coordenou o desenvolvimento do Plano de Rotas Urbanas de Sobral, premiado pelo IAB Ceará e IAB Brasil.

Wellington Galvão Alves

Graduado e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2022). Especialista em Gestão Pública Municipal pela Universidade Estadual do Ceará - UECE (2018). Atualmente atua como Gerente de

Geoprocessamento na Prefeitura Municipal de Sobral. Tem experiência na área técnica de Planejamento Urbano e Geoprocessamento.

Yvo Gabriel Sousa Galvão

Arquiteto e Urbanista pelo Centro Universitário INTA - UNINTA, pós-graduando em Gestão Ambiental Pública, com formação técnica prévia em Meio Ambiente pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE (Campus Crateús) e membro constituinte do Grupo de Estudos URBCOLAB, atuando como Gerente de Licenciamento para Construção na Secretaria do Urbanismo, Habitação e Meio Ambiente (Seuma) da Prefeitura de Sobral.

Editora
**SER
TÃO
CULT**

Este livro foi composto em fonte Minion Pro, impresso no formato 15 x 22 cm
em offset 75 g/m², com 372 páginas e em e-book formato pdf.
Abril de 2025.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Historicamente a cidade de Sobral tem assumido um papel relevante no contexto espacial do sertão nordestino e, particularmente no Estado do Ceará, graças à produção do algodão e à pecuária, que outorgava a Sobral a condição de centro regional na parte setentrional do estado.

Nos dias atuais, anos 20 do século XXI, a cidade de Sobral é colocada em evidência, não mais pela exuberância das atividades tradicionais, mas pela presença marcante na cidade de atividades modernas, relacionadas ao comércio e serviços, o que certamente se coloca como fatores de forte influência na promoção das interações espaciais que Sobral mantém. No contexto dessas interações, é importante sublinhar o papel desempenhado pelos serviços de educação e de saúde, os quais ampliam, consideravelmente, as relações de Sobral, não apenas com a sua região de influência, mas com todo o estado de Ceará e com estados do Piauí e do Rio Grande do Norte.

Diante dessa realidade, podemos afirmar que Sobral continua com seu protagonismo regional, decorrente de um conjunto de dinâmicas resultantes das relações que se estabelecem entre a sociedade e a natureza, as quais analisadas e interpretadas pelos autores dos diversos artigos que compõem o livro **SOBRAL: ENTRELACANDO OLHARES, EXPERIÊNCIAS e SABERES**.



Financiamento



Apoio



ISBN 978-655421216-8



9

786554

212168

Editora **SERTÃO: CULT**